

Demanda por Serviços Contábeis pelas Micro e Pequenas Empresas: São os Contadores Necessários?

Luiz Carlos Miranda

Jeronymo Libonati

Deivisson Rattacaso

Odilon Saturnino

Resumo:

Este trabalho tem como foco a demanda por serviços contábeis (inclusive custos) por parte das micro e pequenas empresas, procurando investigar a percepção dos gestores dessas organizações sobre o contador e os serviços contábeis recebidos. A pesquisa foi fundamentada em revisão bibliográfica realizada em livros, artigos de periódicos científicos e de anais de congressos, além de pesquisas na internet. Foram entrevistados trinta e três gestores de micro e pequenos empreendimentos comerciais (pequenos supermercados) da periferia da Grande Recife (PE). O tratamento estatístico incluiu medidas de posição, dispersão e nos testes de hipóteses, verificados com a utilização de testes não paramétricos (teste qui-quadrado e teste Exato Fisher). A análise estatística, realizada com auxílio do software estatístico SPSS, revelou que parte significativa dos micro e pequenos empresários percebe os contadores apenas como provedores de serviços relacionados ao recolhimento dos impostos e dos encargos sociais e como não sendo o único profissional especializado na produção de informação para controle e avaliação de desempenho. Entretanto, os empresários percebem valor nas informações contábeis, especialmente naquelas voltadas para melhorar o controle gerencial e a avaliação do desempenho dos negócios.

Área temática: *Gestão de Custos para Micros, Pequenas e Médias Empresas*

Demanda por Serviços Contábeis pelas Micro e Pequenas Empresas: São os Contadores Necessários?

Luiz Carlos Miranda (UFPE) – lc-miranda@uol.com.br

Jeronymo Libonati (UFPE) – jeronymolibonati@yahoo.com.br

Deivisson Rattacaso (UFPE) – deivissonrattacaso@yahoo.com.br

Odilon Saturnino (UFPE) – odilonsaturnino@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho tem como foco a demanda por serviços contábeis (inclusive custos) por parte das micro e pequenas empresas, procurando investigar a percepção dos gestores dessas organizações sobre o contador e os serviços contábeis recebidos. A pesquisa foi fundamentada em revisão bibliográfica realizada em livros, artigos de periódicos científicos e de anais de congressos, além de pesquisas na internet. Foram entrevistados trinta e três gestores de micro e pequenos empreendimentos comerciais (pequenos supermercados) da periferia da Grande Recife (PE). O tratamento estatístico incluiu medidas de posição, dispersão e nos testes de hipóteses, verificados com a utilização de testes não paramétricos (teste qui-quadrado e teste Exato Fisher). A análise estatística, realizada com auxílio do software estatístico SPSS, revelou que parte significativa dos micro e pequenos empresários percebe os contadores apenas como provedores de serviços relacionados ao recolhimento dos impostos e dos encargos sociais e como não sendo o único profissional especializado na produção de informação para controle e avaliação de desempenho. Entretanto, os empresários percebem valor nas informações contábeis, especialmente naquelas voltadas para melhorar o controle gerencial e a avaliação do desempenho dos negócios.

Palavras-chave: Serviços contábeis. Medição de desempenho organizacional. Micro e pequenas empresas. Sistemas de informação contábil.

Área Temática: Gestão de Custos para Micros, Pequenas e Médias Empresas.

1 Introdução

Embora se tenha conhecimento da existência de desequilíbrios entre a oferta de serviços contábeis (inclusive custos) pelos escritórios contábeis e a demanda de tais serviços pelas pequenas e médias empresas brasileiras, a produção de um conhecimento sistematizado sobre o assunto ainda é escassa, no Brasil. A maior parte das pesquisas associadas ao tema têm um caráter essencialmente descritivo, havendo carência de uma análise mais detalhada que permita identificar o grau dos desequilíbrios, suas causas e as possíveis soluções para esse descompasso.

Recentemente, foi publicado um estudo sobre a mortalidade das pequenas e médias empresas brasileiras (SEBRAE, 2004). O estudo revela que a taxa de mortalidade é de 49% entre as empresas com dois anos de existência, ou seja, 49% das empresas deixam de existir após dois anos de existência. Essa taxa se eleva para 60% entre as empresas com 4 anos de existência. A pesquisa revela que 70% dos respondentes assinalaram falhas gerenciais como as causas das dificuldades e razões para o fechamento dessas empresas.

Parte do problema poderia ser resolvida com o desenvolvimento de um bom plano de negócios, antes mesmo do negócio ser iniciado. Outra parte significativa poderia ser resolvida com a utilização de sistemas de controle gerencial e de medição de desempenho adequados a

essas empresas, que levassem em conta o porte das mesmas e a capacidade de entendimento desses empresários (delimitada pela escolaridade, pelo treinamento específico e por outras variáveis que serão objeto do estudo). A pesquisa do SEBRAE (2004) revela que dentre as empresas extintas houve um maior número de empresas que não procurou por assessoria externa (32% nas extintas contra 25% dentre as sobreviventes).

Esses números são evidências da importância de bons serviços contábeis e de bons sistemas de controle gerencial, o que justifica o aprofundamento dos estudos a esse respeito. O desperdício de aproximadamente R\$ 20 bilhões, resultante da extinção de empresas nos três anos (2000, 2001 e 2002) pesquisados pelo SEBRAE (2004), reforçam a relevância da pesquisa para o País.

O presente trabalho tem como foco a demanda por serviços contábeis por parte das micro e pequenas empresas, investigando a percepção dos gestores dessas organizações sobre o contador e os serviços contábeis recebidos. Para o alcance de tais objetivos realizou-se pesquisa junto a trinta e três empresários de micro e pequenos estabelecimentos comerciais (pequenos supermercados) da Região Metropolitana do Recife (PE), mais especificamente das cidades do Recife e de Jaboatão. A pesquisa foi realizada com questionários. O trabalho inclui uma revisão da literatura referente à sobrevivência, medidas de desempenho e processo decisório no contexto das pequenas e médias empresas. O estudo está estruturado em seis seções, além desta introdução e das referências bibliográficas. As seções dois e três apresentam a revisão da literatura. A seção dois apresenta breve resumo sobre as características das micro e pequenas empresas brasileiras e a seção três discorre sobre sistemas contábeis de informação (SIC) nessas organizações, com ênfase em estudos semelhantes ao atual. A seção quatro descreve a metodologia utilizada neste estudo, a seção cinco apresenta os resultados e, finalmente, a seção seis apresenta as conclusões.

2 Características das micro e pequenas empresas brasileiras

As pequenas e médias empresas tiveram sua origem, na grande maioria das vezes, na aptidão artesanal do empreendedor ou em fator externo, como o desemprego, sendo, na sua essência, deficiente de uma visão estratégica. Segundo Bortoli (1980), as pequenas e médias empresas pertencem, geralmente, a um indivíduo ou grupos familiares e possuem uma administração pouco especializada. Em conformidade com isso, Braga (1988) afirma que, nessas empresas, posições estratégicas importantes são ocupadas levando-se em conta primeiramente o grau de parentesco e não a qualificação ou competência profissional.

De forma mais ampla Johnson e Scholes (1993) apontam como características de tais empresas: operar em um único mercado com um número limitado de produtos; sofrer pressões competitivas significativas; tomar de decisões influenciadas pelos fundadores do negócio; pouco provável ter executivos seniores ou departamentos centrais que possam fazer análises complexas e pesquisas de mercado. Com tais características, há uma pressão maior, gerada pela concorrência, impondo a necessidade de tais empresas disporem de informações que ajudem seus gestores a melhor administração do negócio.

Cada vez mais é preciso um conjunto maior de informações para gerenciar uma organização. Dentre estas informações estão: perspectivas de avanço na tecnologia; novidades no sistema financeiro; novas técnicas administrativas; oportunidades de negócios; mudanças na legislação; preços e condições da concorrência. No contexto das micro e pequenas empresas, a preocupação com a economia de recursos é uma constante. Assim, o contador exerce importante papel, quase sempre, como consultor que terá a responsabilidade de orientar o administrador a tomar decisões nas diversas áreas do empreendimento. Tal como afirmou Castro (1998), o tipo de consultoria do qual o pequeno empresário mais carece é a contábil.

3 Sistema de informação contábil (SIC) nas micro, pequenas e médias empresas

O que é comum entre os pesquisadores analisados no que diz respeito às características da informação contábil, é que esta não deve ter fins exclusivamente fiscais, mas, acima de tudo, servir de base para a tomada de decisão estratégica. Sendo assim, essas informações devem ser fornecidas de acordo com as necessidades concretas de cada empresa, pois como afirma Resnik (1991), “um ‘bom’ sistema de contabilidade é tudo aquilo que uma determinada empresa precisa e não o que qualquer empresa precise ou pense precisar”.

Dessa maneira, deve-se verificar se os sistemas contábeis mais modernos estão de acordo com as necessidades da empresa, pois não adianta dispor de serviços contábeis automatizados se estes não proporcionam um retorno do que foi investido na sua implantação. Se não houver esse retorno, é importante que a empresa, de início, possa “contar com um sistema manual e utilizar certos serviços externos computadorizados ou, então, ‘subsistemas’ internos de programas computadorizados” (RESNIK, 19901, p. 155).

Conforme a afirmação do autor, observa-se que não deve haver uma passagem integral de um sistema manual para um sistema automatizado, mas este deve ser implementado parcialmente, acompanhando gradativamente o crescimento da empresa. Caso contrário, “os custos de capital serão substanciais e a instalação poderá ser problemática, trabalhosa e dispendiosa. Além do mais, deve-se escolher o software adequado às atividades desempenhadas pela empresa”. Por outro lado, o mesmo autor afirma que o sistema automatizado deve ser instalado “antes de uma onda de crescimento, enquanto ainda há tempo para depurá-lo e assegurar que os funcionários estejam bem treinados para operá-lo”.

De acordo com Almeida (2002), “a principal dificuldade numa implementação deste tipo é a resistência das pessoas à mudança cultural, pois muitos ‘trabalhos’ simplesmente desaparecem e o esforço com reeducação é muito grande, visto que novos conhecimentos e novas habilidades precisam ser adquiridos”.

Com tal constatação, pode-se afirmar que se os empregados não estiverem bem treinados para lidar com a automação desses sistemas eles não irão proporcionar o retorno do investimento necessário para o sucesso da sua implementação.

Com o objetivo de verificar como as pequenas empresas se utilizam de informações fornecidas pela contabilidade, Oliveira (2000) realizou uma pesquisa junto a empresas do ramo de retificação de motores, para analisar o estilo de administração predominante e a influência deste na utilização de tais informações como ferramenta de apoio à tomada de decisões. O estudo constatou que a maioria dos administradores não possui formação acadêmica e que este fator está associado à predominância de um estilo familiar de gestão, visto que a maioria das empresas pesquisadas é administrada pelo proprietário ou por membro da família.

Verificou-se também que os empresários que possuem formação acadêmica se utilizam mais das informações contábeis para fins gerenciais do que aqueles que não possuem, constatando-se também que quanto maior é a afinidade do gestor com os relatórios e terminologias contábeis, maior é o grau de utilização da contabilidade para tais fins, sendo essa a explicação para a importância da formação acadêmica na área de Ciências Sociais. Constatou-se, no mesmo estudo, que 90% das empresas utilizam o Sistema de Informação Contábil para atendimento das necessidades administrativas de cunho fiscal e gerencial e, em 55% delas, as informações são utilizadas para fins gerenciais.

Embora essa pesquisa tenha mostrado como pequenas empresas utilizam as informações contábeis, ela dispõe de uma amostra muito pequena e, como o próprio autor afirmou, fazem uso das técnicas de análise de balanços (97%) de seus sistemas administrativos financeiros, embora não se saiba em qual nível.

No que diz respeito à sobrevivência das empresas familiares, segundo Sundfeld (2006), é compreensível haver por parte dos familiares uma dificuldade na aceitação de profissionais externos para desempenhar uma função que poderia ser exercida por eles.

Como o poder sobre as diversas áreas é geralmente concentrado nas mãos de um único indivíduo em empresas familiares, a solução proposta pelo autor é a contratação de especialistas para, através de palestras, compartilhar conhecimentos que tragam múltiplas possibilidades de reflexão para a tomada de decisões.

O conhecimento especializado dá origem a uma diferenciação na empresa que precisa, posteriormente, de uma integração, para que a mesma não se desvie do alcance de seus objetivos para atingir metas de um departamento específico. Essa integração é promovida justamente pelo Sistema de Informações Contábeis (SIC), que é baseado no novo modelo de produção, o qual, segundo Borges (1995), consiste em uma visão sistêmica e integrativa onde os processos não devem ser vistos separadamente, mas em sua totalidade.

Conforme Oliveira (2000), a maioria das pequenas empresas assumem uma postura meramente reativa, pois estão sempre tentando resolver os problemas que aparecem ao invés de procurar prevê-los e evitá-los. Afirma ainda que tais empresas não se preocupam em criar estratégias para alcançar situações almejadas.

Lyra (2003), descreve o pacote de serviços oferecidos pelas Empresas Prestadoras de Serviços Contábeis, mostrando que o SIC consiste em conduzir a empresa de uma situação atual para uma situação objetivada, qualquer que seja o setor da empresa.

Tais setores, conforme aborda o autor, são classificadas em: fiscal, na qual se faz a apuração tributária, impressão de livros fiscais, etc.; contábil, responsável pela elaboração dos demonstrativos básicos; pessoal, que cuida do serviço administrativo básico, como elaboração da folha de pagamento, cálculo do FGTS, da contribuição para o INSS, entre outros; e comercial/consultoria, que é caracterizada pelo contato com os clientes, implantação de controles, planejamento contábil, tributário, trabalhista e orçamentário, análise econômico-financeira e implantação de sistemas de administração por resultado.

Todas essas áreas devem estar integradas para que a empresa como um todo possa chegar à situação objetivada, pois a saída gerada por uma determinada seção é a entrada para uma outra área, visto que a organização é um sistema composto por outros sistemas, e todas as unidades necessitam dos dados fornecidos pelo SIC para gerar informações que auxiliem em suas decisões, o que faz desse sistema o principal fator de integração entre os departamentos da empresa.

No entanto, um dos principais problemas das pequenas e médias empresas pode ser o fato das informações contábeis serem, em sua maioria, fornecidas externamente às mesmas. Segundo Nunes e Serrasqueiro (2004), os gestores se utilizam mais da contabilidade para tomar decisões estratégicas e operacionais quando ela é feita dentro da própria empresa.

Quando a empresa não dispõe de um SIC interno, pode haver um desequilíbrio entre as informações produzidas pelos escritórios de contabilidade e as necessidades da organização. De acordo com pesquisa realizada por Stroehrer e Freitas (2006, p. 8), “o empreendedor não vê o serviço de contabilidade como uma extensão de sua empresa, e sim como uma obrigação imposta pelo governo com fins arrecadatórios.”

Por meio desta afirmação, percebe-se que o fato da maioria dos serviços contábeis prestados às pequenas e médias empresas serem provenientes de escritórios externos, pode ser um fator indicativo de que não há uma consideração por parte desses empreendimentos, da contabilidade como uma extensão da empresa.

4 Metodologia

O desenho da pesquisa, bem como do questionário, foi fundamentado em pesquisa bibliográfica, realizada em livros, artigos de periódicos científicos e de anais de congressos, além de pesquisa na internet. O universo desta pesquisa é o conjunto das micro e pequenas empresas. Por questões orçamentárias, foi selecionada uma amostra não probabilística, definida por acessibilidade, logo, não baseada em procedimentos estatísticos.

Os participantes foram selecionados pela facilidade de acesso a eles, tanto em termos de localização geográfica como em termos de conhecimento pessoal dos pesquisadores com possíveis respondentes ou com pessoas que pudessem facilitar o acesso aos mesmos. Geograficamente, a pesquisa limitou-se aos municípios de Recife e Jaboatão dos Guararapes. Visando obter um grau de homogeneidade entre os participantes da pesquisa, foram selecionados apenas “mercadinhos” para participar da mesma. Considerou-se como mercadinhos tanto os pequenos supermercados de periferia quanto padarias que atuam de forma semelhante a estes, ou seja, comercializam grande variedade de produtos alimentícios, de higiene pessoal, produtos de limpeza, dentre outros.

Para obter os dados foi realizada pesquisa de campo, com aplicação de questionário, com perguntas fechadas. A coleta de dados foi realizada por dois pesquisadores que visitaram as empresas e procuraram pelo gestor, que poderia ser o proprietário. Foi realizado um pré-teste para verificar a clareza das questões e a existência de perguntas desnecessárias a fim de, posteriormente, fazer as devidas alterações. Este foi aplicado aos gerentes de quatro supermercados e as modificações foram feitas de acordo com as dificuldades apresentadas pelos respondentes. Após as alterações, o questionário foi efetivamente aplicado em 33 supermercados de micro, pequeno e médio porte.

Os pesquisadores acompanharam o preenchimento de praticamente todos os questionários e em muitos casos, o questionário foi preenchido pelos próprios pesquisadores, que iam lendo a pergunta e as alternativas para o respondente e assinalando a alternativa indicada por este. Esse procedimento aumentou a qualidade das respostas, pois permitiu esclarecer dúvidas dos respondentes sobre algumas questões, além de possibilitar a obtenção de informação complementar junto aos respondentes.

A análise estatística dos dados foi realizada com auxílio do software estatístico SPSS - *Statistical Package for Social Science* - versão 15.0. O tratamento estatístico utilizado neste estudo se refere à análise descritiva dos dados, baseada em medidas de posição, dispersão e nos testes de hipóteses, verificados com a utilização de testes não paramétricos (teste qui-quadrado e teste Exato Fisher).

5 Análise dos resultados

Esta seção apresenta os resultados obtidos na aplicação do questionário de pesquisa, conforme a divisão dos grupos de questões estabelecidos. As análises descritivas foram realizadas com a utilização do SPSS. Serão divididos em duas partes: análise descritiva das empresas da amostra; caracterização dos respondentes; e processamento da informação financeira e relacionamento com os contadores.

5.1 Caracterização das empresas da amostra

Para classificar as empresas pelo porte, foi utilizado o critério do SEBRAE, com base no número de empregados. De acordo com o SEBRAE, no setor comercial, micro empresas são aquelas com até nove empregados e pequenas empresas são as que têm entre 10 e 49 empregados. Dentre as empresas da amostra, 60,6% são microempresas e 39,4% são classificadas como pequenas empresas (ver Tabela 1).

Tabela 1 - Porte da empresa / numero de empregados (segundo SEBRAE)

Número de empregados	Frequência	%
Micro (até 9 empregados)	20	60,6
Pequena (de 10 a 49)	13	39,4
Total	33	100,0

Os respondentes foram solicitados a autotclassificar suas empresas, de acordo com o porte. Foram apresentadas como alternativas: microempresa, empresa de pequeno porte e média empresa. Confrontando-se as respostas a esta pergunta, com a classificação do SEBRAE, verifica-se uma pequena divergência em quatro casos em que os respondentes classificam seu negócio como de médio porte, quando, pelo critério do SEBRAE, eles seriam classificados como de pequeno porte. Divergências como essa revelam a dificuldade de se identificar o porte dessas empresas, especialmente quando as diferenças de porte não são muito expressivas. Além disso, uma empresa pode ter entre 10 e 49 empregados (pequena empresa, de acordo com o SEBRAE), mas ter um faturamento mais próximo do de uma média empresa.

Quanto ao tempo de funcionamento das empresas da amostra, a média é de 9 anos (com desvio padrão de 9,7 anos). A mediana é de 5 anos. O mínimo é zero (há uma empresa com menos de 1 ano) e o máximo é de 45 anos. Os dados foram reagrupados em três categorias: empresas com até 4 anos; empresas com idade entre 5 e 9 anos; e empresas com 10 anos ou mais (ver Tabela 2). Verifica-se que os dois grupos extremos concentram a maior parte das empresas, ou seja, há 15 empresas com até 4 anos e 12 empresas com 10 anos ou mais. Verifica-se que há um número expressivo de empresas novas, sendo 8 delas com 2 anos ou menos.

Tabela 2 - Tempo de funcionamento da empresa.

Idade da empresa	Frequência	%	% acumulado
até 4 anos	15	45,5	45,5
de 5 a 9 anos	6	18,2	63,6
10 anos ou mais	12	36,4	100,0
Total	33	100,0	
Média = 9 anos (desvio padrão de 9,7 anos)			
Mediana = 5 anos			
Mínimo = 0 ano e máximo = 45 anos			

A maioria das empresas da amostra (31 empresas, 93,9% do total) são empresas isoladas, que não pertencem a nenhum grupo ou cadeia de lojas. Como afirmado por Bortoli (1980), isto acarreta, geralmente, em uma maior dedicação do proprietário ao estabelecimento e em uma participação mais intensa nas decisões da empresa. Isso contribui, para o fato de muitas PMEs serem ligadas às características e personalidades de seus proprietários, como talento, sensibilidade, vontade de realização, dentre outras.

Os respondentes foram solicitados a classificar suas empresas em relação à concorrência. Das empresas analisadas, segundo a percepção dos gestores, 78,7% consideram-se “na média”, em relação aos seus concorrentes. Quatro empresas (12,2% da

amostra) consideraram-se abaixo da concorrência e apenas três empresas (9,1%) classificaram-se como “acima da concorrência” (ver Tabela 3).

Tabela 3 – Comparação com os concorrentes

Comparação com a concorrência	Frequência	%	% acumulado
Abaixo da concorrência	2	6,1	6,1
Um pouco abaixo da concorrência	2	6,1	12,1
Na média	26	78,8	90,9
Um pouco acima da concorrência	2	6,1	97,0
Acima da concorrência	1	3,0	100,0
Total	33	100,0	

Com o objetivo de avaliar o grau de sofisticação da gestão e da complexidade da empresa, introduziu-se uma variável “proxy”: a utilização de financiamento. Espera-se que à medida que a empresa evolui, ela se utilize cada vez mais de crédito para alavancar seus negócios, seja via financiamento bancário ou via factoring. Por outro lado, empresas com menor nível de complexidade ou com gerenciamento num nível mais rudimentar devem se utilizar menos de crédito, ou por falta de conhecimento ou por falta de acesso ao mesmo. A pesquisa revela que mais da metade das empresas (19, representando 57,6%) não utiliza financiamentos, seja bancário ou através de factoring. Apenas 2 delas se utilizam dos dois instrumentos de crédito (ver Tabela 4). A pesquisa corrobora a assertiva de Bortoli (1980), segundo o qual as empresas familiares geralmente não recorrem ao mercado de capitais.

Tabela 4 – Utilização de financiamento

Análise combinada		Utiliza financiamento de factoring		Total
		Não	Sim	Não
Utiliza financiamento bancário	Não	19	0	19
	Sim	12	2	14
	Total	31	2	33

Foram realizados testes estatísticos não paramétricos (Qui-quadrado e Fisher) relacionando esta variável a algumas das características da empresa e dos gestores. Apenas a relação entre utilização de financiamento e a idade da empresa apresentou relação significativa e mesmo assim num nível superior a 5%, conforme mostra a Tabela 5, apresentada a seguir.

Tabela 5 - Comparação entre Idade da empresa e utilização de financiamento

Análise combinada		Idade da empresa		Total
		até 4 anos	5 ou mais	até 4 anos
Utilização de financiamento	Não	6	13	19
	Sim	9	5	14
	Total	15	18	33

Teste Exato de Fisher: nível de significância = 8,5% (bi-caudal).

As elevadas taxas de juros praticadas no Brasil afetam consideravelmente esta análise e a validade da variável “utilização de financiamento” ser “Proxy” do grau de sofisticação da gestão ou do grau de complexidade da empresa, ou seja, a maioria das empresas não se utiliza do crédito simplesmente pelo fato das taxas de juros serem superiores à rentabilidade do negócio. Isto é mais verdade ainda no caso das empresas da amostra, pequenos supermercados de periferia, que combinam baixa rentabilidade e maior dificuldade de acesso ao crédito.

5.2 Caracterização dos respondentes

No que diz respeito ao cargo ocupado pelos respondentes que participaram da pesquisa, constata-se que 21 deles (63,6%) fazem parte do quadro acionário (proprietário ou sócio-gerente). Os demais (36,4%) classificaram-se como gerentes (ver Tabela 6).

Tabela 6 - Cargo dos respondentes

Cargo do respondente	Frequência	%	% acumulado
Proprietário	14	42,4	42,4
Sócio-gerente	7	21,2	63,6
Gerente da empresa	8	24,2	87,9
Gerente de loja	4	12,1	100,0
Total	33	100,0	

Apesar de se constatar que há um grupo expressivo (1/3) de respondentes com menos de 4 anos de experiência, verifica-se que a maioria deles tem mais de cinco anos de experiência na área empresarial. O tempo médio é de 10,4 anos (desvio padrão de 9,2 anos) e a mediana é de 8 anos, sendo o mínimo de 1 ano e o máximo de 35 anos. Os respondentes foram classificados em 3 grupos, com base no tempo de experiência (ver Tabela 7): até 4 anos; de 5 a 9; e 10 anos ou mais.

Tabela 7 - Experiência do respondente na área empresarial.

Tempo de Experiência do respondente	Frequência	%	% acumulado
até 4 anos	11	33,3	33,3
de 5 a 9 anos	7	21,2	54,5
10 anos ou mais	15	45,5	100,0
Total	32	97,0	
Média = 10,4 anos (desvio padrão de 9,2 anos) - Mediana = 8 anos			
Mínimo = 1 ano e máximo = 35 anos			

Quanto ao grau de instrução dos respondentes, a pesquisa revela que 51,5% tem pelo menos nível superior incompleto. Do restante, 30,3% possui o ensino médio e apenas 9,1% dos respondentes têm somente o primário (ver Tabela 8):

Tabela 8 –Nível de Escolaridade

Nível de Escolaridade	Frequência	%	% acumulado
Até a 4 série primaria	3	9,1	9,1
Até a 8 série do 1 grau	1	3,0	12,1
Até o 3 ano do ensino médio	10	30,3	42,4
Nível técnico	2	6,1	48,5
Cursando o ensino superior	3	9,1	57,6
Superior	13	39,4	97,0
Pós-graduado	1	3,0	100,0
Total	33	100,0	

5.3 Processamento da informação financeira e percepção do valor dos contadores

Os respondentes foram perguntados sobre como a informação financeira é processada na empresa. A pesquisa revela que em 63,7% das empresas, a informação financeira é processada pelos próprios gestores. Impressiona o fato de que, na era da informática, com computadores e softwares a preços acessíveis, 45,5% (15 respondentes) processam a informação manualmente, sem o auxílio de computador (ver Tabela 9). O fato de se tratar de gestores de empresas de uma área metropolitana magnífica o espanto.

Tabela 9 – Processamento da informação financeira

Processamento da Informação Financeira	Frequência	%	% acumulado
Por mim mesmo, intuitivamente, sem muita organização	2	6,1	6,1
Por mim mesmo, manualmente de forma mais organizada	13	39,4	45,5
Por mim mesmo, com ajuda do computador	6	18,2	63,6
Sem computador, mas com ajuda de um profissional externo	2	6,1	69,7
Com computador e com ajuda de um profissional externo	5	15,2	84,8
Pelo pessoal do escritório central	5	15,2	100,0
Total	33	100,0	

Segundo Nunes e Serrasqueiro (2004), um dos principais problemas das pequenas e médias empresas pode ser o fato das informações contábeis serem fornecidas externamente às mesmas. Afirmam que quando o contador é interno, os gestores atribuem maior importância às informações contábeis para tomar decisões. Ainda de acordo com esses autores, “quando a contabilidade é feita externamente, a principal finalidade da sua elaboração pode ser para propósitos fiscais e legais”.

Na amostra, 87,9% das empresas são assessoradas por escritórios de contabilidade. Apenas 12,1% (4 empresas) dispõem de um contador interno. Apesar disso, a pesquisa não corrobora com a afirmação desses autores, uma vez que os respondentes reconhecem a importância do contador. Dois fatos corroboram essa assertiva. O primeiro deles é que ao serem perguntados se manteriam o contrato com o contador, caso o governo simplificasse o recolhimento dos impostos e dos encargos sociais, de modo que eles mesmos fossem capazes de realizar essas tarefas, 63,6% responderam que manteriam (Tabela 10).

Tabela 10 – Disposição de manter o contador

Se o governo simplificasse o recolhimento dos impostos e dos encargos sociais, de modo que você mesmo fosse capaz de calcular e efetuar o pagamento, você manteria o seu contrato com o contador?	Frequência	%	% acum.
Não	12	36,4	36,4
Sim	21	63,6	100,0
Total	33	100,0	

O segundo fato é que ao serem perguntados sobre quem contratariam para produzir informações que “ajudassem no controle das operações e avaliação do desempenho” da empresa, 57,6 % apontaram o contador (Tabela 11).

Tabela 11 – Profissional que contrataria para controlar e avaliar desempenho

Quem contrataria para produzir informações que ajudassem no controle das operações e avaliação do desempenho da empresa?	Frequência	%	% acumulado
Contador	19	57,6	57,6
Economista	6	18,2	75,8
Administrador	4	12,1	87,9
Consultores	2	6,1	93,9
Advogado	1	3,0	97,0
Nutricionista	1	3,0	100,0
Total	33	100,0	

Apesar do elevado percentual de respostas (57,6%) indicando o contador como a pessoa que seria contratada para produzir a informação para o controle das operações e avaliação do desempenho, chama a atenção o fato de outros profissionais terem sido indicados. Afinal, essa é a atividade primordial do contador. Este é um indicativo de que nem todos os micro e pequenos empresários vêem o contador como este deveria ser visto: produtor de informação útil para a gestão econômico-financeira das empresas.

Os contadores devem se empenhar para fazer jus a essa preferência. Alguns contadores, ao serem indagados sobre o fato de não produzirem informações gerenciais para auxiliar os gestores, alegam que não podem fornecer tais relatórios porque os empresários não abrem as informações de suas empresas. Em conformidade com isso, Stroher e Freitas (2006, p. 8), afirmam que “o empreendedor não vê o serviço de contabilidade como uma extensão de sua empresa, e sim como uma obrigação imposta pelo governo com fins arrecadatórios”. Entretanto, a pesquisa não corrobora esse fato.

Na amostra, 81,8% dos respondentes (27 empresas) afirmam que “estariam dispostos a abrir as informações do seu empreendimento para o contador, caso ele produzisse relatórios que ajudassem a gerenciar melhor o seu negócio”. Não há, portanto, uma predisposição de não abrir os dados da empresa. Mas essa disponibilidade está condicionada à produção de informação útil para gerenciar o negócio. Não foi verificada nenhuma relação estatisticamente significativa entre a disposição de abrir as informações e as características das empresas ou dos respondentes.

Para reforçar a análise sobre a utilidade do contador e dos serviços contábeis, criou-se uma variável “proxy” para medir o valor das informações gerenciais. Os respondentes foram solicitados a responder se estariam dispostos a pagar mais pelos serviços prestados a eles,

caso o “contador produzisse relatórios mensais, que permitissem gerenciar melhor o seu negócio e saber como está indo o seu negócio”. Foram apresentadas como alternativas aumentos de 20%, 40%, 60%, mais que 60% e nenhum aumento. A Tabela 12 apresenta o resultado.

Tabela 12 – Percepção do valor das informações gerenciais

Se o contador produzisse relatórios mensais, que permitissem gerenciar melhor o seu negócio e saber como está indo o seu negócio, você estaria disposto a pagar mais pelos serviços prestados por ele?	Frequência	%	% acum.
Sim, até 20% mais	16	48,5	48,5
Sim, até 40% mais	2	6,1	54,5
Sim, até 60% mais	3	9,1	63,6
Sim, mais que 60%	2	6,1	69,7
Não	10	30,3	100,0
Total	33	100,0	

A análise das respostas evidencia que os respondentes reconhecem o valor da informação gerencial que os contadores podem vir a produzir. Aproximadamente 70% dos respondentes estão dispostos a pagar mais pelos serviços contábeis prestados atualmente, caso seja gerada informação útil para a tomada de decisão. Mais expressivo ainda é que 5 respondentes (15%) indicaram estar dispostos a pagar 60% ou até mais do que isso.

Aprofundando a análise, efetuou-se um teste estatístico (Fisher) para avaliar a relação entre a disposição de pagar mais ao contador, no caso de serem oferecidos relatórios úteis à tomada de decisão, e a disposição de manter o contador, caso ocorresse uma simplificação no recolhimento dos impostos. Como pode ser visto na Tabela 13, a hipótese nula de que não há relação entre essas duas variáveis não pode ser rejeitada. Portanto, mesmo aqueles respondentes que não indicaram disposição de manter o contador, indicaram disposição de pagar mais ao contador, caso este produza informação útil à tomada de decisão. Dentre os 12 que não manteriam o contador, se a legislação fosse simplificada, 9 (75%) estariam dispostos a pagar mais ao contador. Entre os que manteriam o contador, o percentual dos dispostos a pagar mais é de 66,6%.

Tabela 13 – Relação entre a disposição de manter o contador e de pagar mais ao mesmo

Análise combinada	Disposição de pagar mais ao contador		Total
	Não	Sim	Não
Manteria contrato com o contador? Não	3	9	12
Sim	7	14	21
Total	10	23	33

Teste Exato de Fisher: nível de significância = 71% (bi-caudal) e 46,3% (uni-caudal).

6 Conclusão

Este estudo investigou, junto a pequenos supermercados de periferia, a percepção dos gestores quanto à utilidade do contador e dos serviços contábeis. A análise dos dados revelou que embora boa parte dos empresários percebe a utilidade do contador, uma vez que mesmo que o governo simplificasse o recolhimento dos impostos, 63,6% dos respondentes manteriam o contrato com o seu contador, há uma porção não desprezível deles (36,4%) que,

aparentemente, percebe o contador como mero provedor de serviços relacionados ao recolhimento dos impostos e dos encargos sociais.

Mas essa conclusão parece referir-se apenas aos serviços prestados atualmente pelos contadores, pois 70% deles indicaram disposição de pagar mais pelos serviços prestados pelos contadores, caso estes venham oferecer informação útil à tomada de decisão (relatórios que permitam gerenciar melhor o negócio e saber como este está indo).

Três conclusões podem ser extraídas deste estudo:

- a) Parte significativa dos micro e pequenos empresários percebe os contadores apenas como provedores de serviços relacionados ao recolhimento dos impostos e dos encargos sociais;
- b) Para parte significativa dos empresários o contador não é o único profissional especializado na produção de informação para controle e avaliação de desempenho; e
- c) Os empresários percebem valor nas informações e relatórios que contribuam para melhorar o gerenciamento e a avaliação do desempenho de seus negócios.

Pela característica do processo de amostragem, essas conclusões são válidas apenas para o conjunto de respondentes que participou da pesquisa. No entanto, o número de empresas pesquisadas e a forma criteriosa com que a pesquisa foi conduzida, permitem utilizar esses dados como indicativos da percepção dos micro e pequenos empresários com relação à utilidade do contador e dos serviços contábeis, notadamente da informação gerencial para controle e avaliação do desempenho das empresas.

Para futuros trabalhos, recomenda-se que este trabalho seja replicado em outras regiões e com amostras mais representativas da população, para que se obtenha um quadro mais realista sobre a utilidade dos serviços oferecidos pelos contadores.

Referências

ALMEIDA, Elton Góes de. **Automação dos serviços contábeis**. Help Informática. Correio da Bahia (18.04.2002). Disponível em: <www.jlcarneiro.com/wp-content/uploads/File/automacao_servicos_contabeis.doc>. Acesso em: 31/08/06.

BORGES, Mônica Erichsen Nassif. **A informação como recurso gerencial das organizações na sociedade do conhecimento**. In *Ciência da Informação*, 24(2), Ibict - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. 1995.

BORTOLI, Adelino Neto. **Tipologia de problemas das pequenas e médias empresas**. Dissertação (Mestrado em Economia e Administração) - Faculdade de Economia e Administração. São Paulo, 1980.

BRAGA, Nice. **O processo decisório em organizações brasileiras: comportamentos comunicativos**. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 34-51, 1988.

CASTRO, Carlos José de Lima. **Escritório de contabilidade**. Sala do empresário – Programa de capacitação, estratégia e motivação empreendedora – Ano XVII – Depoimento publicado no período: 19/04/1998 a 25/04/1998. Disponível em: <www.empresario.com.br/memoria/entrevista.php3?pic_me=65>. Acesso em: 12/11/06

JOHNSON Gerry, e SCHOLLES Kevan. **Exploring Corporate Strategy**. 3a. edição. Prentice-Hall. 1993.

LYRA, Ricardo Luiz Wust Corrêa de. **Uma contribuição à mensuração do resultado econômico da decisão de investimentos em qualidade em empresas de serviços contábeis: uma abordagem da gestão econômica.** Dissertação de Mestrado (Controladoria e Contabilidade) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA), São Paulo, 2003.

NUNES, L. C.; SERRASQUEIRO, Z. M. S. A Informação Contabilística nas Decisões Financeiras das Pequenas Empresas. **Revista de Contabilidade e Finanças – USP**, São Paulo, n° 36. p. 87-96, set. /dez. 2004.

OLIVEIRA, Antônio Gonçalves de; MULLER, Aderbal Nicolas; NAKAMURA, Wilson Toshiro. A utilização das informações geradas pelo sistema de informação contábil como subsídio aos processos administrativos nas pequenas empresas. **Revista FAE**, Curitiba, v.3, n.3, p.1-12, set./dez. 2000.

RESNIK, Paul. **A bíblia da pequena e média empresa.** São Paulo : Makron Books, 1991

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas. **Fatores Condicionantes e Taxa de Mortalidade de Empresas no Brasil.** Relatório de Pesquisa. Agosto/2004.

STROEHER, A. M.; HENRIQUE F. Identificação das necessidades de informações contábeis de pequenas empresas para tomada de decisão organizacional. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE GESTÃO DA TECNOLOGIA E SISTEMAS DE INFORMAÇÃO (CONTECSI), 3º, 2006, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FEA/USP, 2006. p. 233, CDRÔM.

SUNDFELD, João Baptista. **A sobrevivência das empresas familiares.** Empresário Online – Artigos – 08/03/06. Disponível em < www.empresario.com.br/artigos/artigos_html/artigo_a_080306.html>. Acesso em: 21/09/06